

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS

GABRIELA MILANI LEAL

LAZARILHO DE TORMES: UMA FILOSOFIA DE APRENDIZAGEM

PORTO ALEGRE

2013

GABRIELA MILANI LEAL

LAZARILHO DE TORMES: UMA FILOSOFIA DE APRENDIZAGEM

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado ao Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito para obtenção do grau de Licenciado em Letras.

Orientador: Professor Doutor Ruben Daniel Mendez Castiglioni

PORTO ALEGRE

2013

GABRIELA MILANI LEAL

LAZARILHO DE TORMES: UMA FILOSOFIA DE APRENDIZAGEM

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado ao Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito para obtenção do grau de Licenciado em Letras.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Ruben Daniel Mendez Castiglioni (orientador)

Profa. Beatriz Cerisara Gil

Profa. Liliam Ramos da Silva

Conceito:

Porto Alegre, 12 de dezembro de 2013.

AGRADECIMENTOS

“Ai, palavras, que estranha potência a vossa!” Um dos versos mais significativos, estribilho do poema que me toca a alma. Quem faz da palavra seu pão? Mais que amar as letras, é necessário coragem para atrever-se a lidar com elas, elaborar a liberdade das almas e cuidar para que não seja veneno.

Muito obrigada, pai, por ter sentido orgulho quando falei que queria ser professora. Muito obrigada, mãe, por ser minha grande incentivadora e me encaminhar para o mundo da leitura. Muito obrigada, mana, por dividir comigo as melhores histórias. Muito obrigada, Vitor, pelo apoio incondicional em todos os momentos – e por escolher me amar todos os dias, principalmente nos mais difíceis. Muito obrigada, Cecília – minha Cecília, meu poema perfeito, minha vida – por ser um bebê tão doce e por ter frequentado as aulas na minha barriga e, depois, aninhada nos meus braços, sempre minha companheira.

Trabalhar e estudar ao mesmo tempo – e cuidar da casa, do marido e, como se fosse pouca tarefa, planejar uma gravidez – requer habilidade e esforço, mas precisei, acima de tudo, de anjos. Aos professores, chefes, amigos e colegas (Tê e Dé, vocês sabem o quanto lhes devo) que me carregaram quando eu já não podia mais, muito obrigada pelo fôlego para seguir a caminhada.

Maria Tereza Faria e Carlos Zambeli, agradeço a vocês, além da inspiração, a oportunidade de trabalhar com palavras. Talvez vocês não saibam, mas foram – e são – fundamentais na (escolha da) minha vida profissional. Sou muito grata por me darem o sabor de lecionar pela primeira vez.

RESUMO

Publicado anonimamente, *Lazarillo de Tormes* é um romance epistolar de caráter confessional, cuja narrativa é uma crítica – tecida em ironia – à sociedade de sua época. O objetivo desse trabalho é analisar a obra e a personagem do protagonista em relação às ideias propaladas no século XVI – especialmente por Erasmo de Rotterdam e por Maquiavel. Os conceitos de honra, de virtude e de prudência serão fundamentais para compreender a dimensão da denúncia feita pelo pícaro, bem como para comprovar que a profundidade de seu discurso vai além do que seria de se esperar do mero anti-herói. Lázaro representa o surgimento do individualismo moderno, quando o mundo ocidental deixa a Idade Média e inaugura um modo de produção que estabelece relações de exploração que possibilitam a corrida pela ascensão social a qualquer preço.

Palavras-chave: *Lazarillo de Tormes*. Romance picaresco. Erasmo de Rotterdam. Maquiavel.

RESUMEN

Publicado anónimamente, *Lazarillo de Tormes* es una novela epistolar de carácter confesional, cuya narrativa es una crítica – tejida en la ironía – a la sociedad de su época. El objetivo del presente trabajo es analizar la obra y el personaje del protagonista en relación a las ideas propaladas en el siglo XVI – especialmente por Erasmo de Rotterdam e por Maquiavel. Los conceptos de honor, de virtud y de prudencia serán fundamentales para comprender la dimensión de la denuncia hecha por el pícaro, bien como para comprobar que la profundidad de su discurso va más allá de lo que sería de esperarse del mero anti-héroe. Lázaro presenta el surgimiento del individualismo moderno, cuando el mundo occidental deja la Edad Media e inaugura un modo de producción que establece relaciones de exploración que posibilitan la carrera por la ascensión social a cualquier precio.

Palabras-clave: *Lazarillo de Tormes*. Novela picaresca. Erasmo de Rotterdam. Maquiavel.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 LAZARILHO DE TORMES: QUESTÕES PRELIMINARES QUE TRANSCENDEM O TEMPO	10
3 LAZARILHO DE TORMES E SUA ESTRUTURA.....	15
4 LÁZARO, O PÍCARO	22
4.1. Um romance de aprendizagem	23
4.2 A arte de educar as crianças	27
4.3 A construção do pensamento utilitarista.....	29
5 ERASMO E MAQUIAVEL: O VIRTUOSO INDIVIDUALISMO NA FORTUNA DO PÍCARO – UMA SOCIEDADE LOUCA.....	31
6 CONCLUSÃO.....	35
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	37

1 INTRODUÇÃO

A história oficial é, tradicionalmente, contada pelos vencedores. A classe dominante manipula a sociedade para impor sua ideologia e manter o *statu quo*, de forma a garantir que sua superioridade não seja contestada e abalada pela força dos que estão subjugados a um modo de produção que convém a quem está no topo.

O humorista Chico Anysio disse uma vez que o brasileiro é o único povo que ri de suas desgraças. Fazemos piada e rimos do retirante nordestino, do político corrupto, da justiça falha, do sistema de saúde caótico, da burocracia assassina, do analfabeto, enfim, achamos graça no jeitinho brasileiro. No entanto, em 2013, o Brasil viu a multidão trocar as gargalhadas por palavras de ordem. Jovens ou não, as pessoas saíram às ruas para gritar por reivindicações – o que, exatamente, talvez nem os manifestantes soubessem dizer, devido à multiplicidade de causas. Foi um fenômeno de inconformidade, uma crise de representatividade – surgiu o bordão “não me representa” – que se deu também de forma violenta. Não ousou querer analisar a fundo as manifestações, pois não temos o distanciamento temporal necessário para compreendê-la, haja vista que elas ainda ocorrem e não podemos prever qual será seu efeito. Cito esse contexto apenas para situar meu interesse pelo picaresco.

O modo de produção capitalista estabelece uma relação de forças contraditórias: ao passo que o patrão quer explorar ao máximo a mão de obra pagando o mínimo, o trabalhador quer receber o maior salário possível trabalhando o menos que der. Brigando no campo do consumismo, a batalha desses dois extremos cria relações de desigualdade, ou seja, para que um esteja no alto, é necessário que outro esteja embaixo. Lázaro de Tormes é personagem picaresco pioneiro na modernidade, e é por isso que escolhi tomá-lo como referência para mostrar como a literatura pode ser via de expressão do social, sem perder o caráter hedonístico de sua arte. O próprio autor menciona no prólogo essa multiplicidade mágica das palavras, que ganham novas feições conforme os olhos que a percorrem:

Eu tenho por bem que coisas tão assinaladas, e porventura nunca ouvidas nem vistas, cheguem ao conhecimento de muitos e não se enterrem na sepultura do esquecimento, pois pode ser que alguém que as leia nelas encontre algo que lhe agrade, e àqueles que não se aprofundarem muito, que os deleite. (LAZARILHO, 2012, p. 19)

Ou seja, inovadora na literatura, essa obra convida o leitor a assumir um papel ativo, o ato de ler ganha um novo significado e deixa de ser o mero decodificar. O leitor moderno é aquele que circula por um espaço de múltiplas interpretações, que obtém novos sentidos ao

perceber a tênue – e abismal – relação entre o dito e o não-dito. Ora, ao assumir a responsabilidade de interpretar o texto, o leitor passa a ser também autor de sua própria leitura e conquista a autonomia para pedir uma licença à poética e construir não mais o entendimento hermético, e sim a multiplicidade de significações. Roland Barthes (1998), ao falar da morte do autor, defende essa nova posição do leitor no mundo que sai da Idade Média e que permite que a leitura seja também um ato de escrita. Aliás, esse aviso no prólogo é muito semelhante a outro, o de Elogio da Loucura:

Não seria injusto, para os homens de letras, proibir-lhes divertimentos que se permitem a todas as condições? Pois seus divertimentos, afinal, podem ser úteis, e um leitor com um pouco de bom senso pode tirar mais proveito deles, às vezes, que das obras pomposas de muita gente. (...) Não há nada mais pueril que tratar as coisas sérias de uma maneira divertida, assim também não há nada mais divertido do que parecer tratar a sério os gracejos. (ERASMO, 2012, p.8-9)

Meu interesse pelo pícaro surgiu da percepção de que ele é “o protesto impotente contra um sistema que o torna marginal, mas a partir de cuja marginalidade ele desvenda e desvela o cerne do sistema” (KOTHE, 1981, p.48). Esse tipo de personagem nos ajuda a compreender a sociedade e seus mecanismos de coerção, bem como revela seus verdadeiros valores. Só o pícaro pode denunciar, nessa configuração social, “quanta virtude há em subir partindo de baixo, e quanto vício em rebaixar-se, estando no alto” (LAZARILHO, 2012, p.39), pois ele se vê obrigado a tornar-se um “manipulador dos mil truques necessários à sobrevivência: ele é um ‘virador’, um artista da gigolagem” (KOTHE, 1981, p.48). É ele que tem – aparentemente - a palavra: “Quanto mais central é o pícaro, tanto menos ele é o cerne de toda a questão. Quanto mais ele é elevado literariamente por essa atenção, tanto mais ele é rebaixado” (KOTHE, 1981, p.47). No entanto, que complexo jogo sustenta o picaresco: sendo baixo, o pícaro não pode ser louvado e então, rebaixado mais uma vez, acaba ridicularizado e a narrativa ganha toques de humor.

O objetivo desse trabalho é analisar como se desenvolve a personagem pícara, bem como a estruturação da narrativa – que não é ao acaso, não é uma sucessão de acontecimentos aleatórios, mas sim um projeto de construção para um significado maior. São quatro etapas: primeiro, algumas questões preliminares constituem a pré-leitura para a obra, pois fundamenta e situa seu universo de criação e de leitura. Depois, os elementos formais são analisados de forma a compreender a construção do romance. Em seguida, dois capítulos trarão o estudo da personagem relacionado com Erasmo de Rotterdam e com Maquiavel, de modo a tentar compreender a construção do picaresco e da sociedade que ele denuncia. Seria muito fácil

tomar o pícaro apenas como anti-herói, personagem sem virtude que merece ser condenado pelos seus vícios. Com esse estudo, pretendo mostrar que Lázaro de Tormes, vivendo as experiências que viveu, não poderia ser diferente do que é – e isso não o torna bom ou mal, ou seja, ele é mais que um herói ou anti-herói. E só ele, por ser degradado, é que pode denunciar o meio degradante.

2 LAZARILHO DE TORMES: QUESTÕES PRELIMINARES QUE TRANSCENDEM O TEMPO

O pensamento do humanismo renascentista tem como uma das principais figuras o holandês Erasmo Desidério – mais conhecido como Erasmo de Rotterdam (1466-1536). Educado dentro dos preceitos religiosos, chegou a praticar o sacerdócio por um período breve, tempo em que aprofundou seus conhecimentos acerca dos dogmas católicos e de suas contradições com a prática realizada pela Igreja. Com base no pensamento humanista, percebeu que a luz da razão jogava parte da doutrina católica na obsolescência e defendia a reforma das práticas que eram embasadas em uma filosofia hermética, ainda nas trevas. Suas ideias, pois, não eram de um cisma e, muito menos, contrárias à fé: Erasmo criticava a conduta controversa dos membros da Igreja e acreditava na purgação da instituição - não na sua ruptura - bem como na religiosidade interior sendo predominante a questões externas como o caso da adoração de santos e de relíquias. Com base nesses conceitos, surgiu uma corrente ideológica que foi chamada de “erasmismo” e que teve grande presença na Europa no primeiro quarto do século XVI.

Acredita-se que *Lazarillo de Tormes* tenha sido escrito sob a égide erasmista, haja vista a conduta eclesiástica desvelada na obra, bem como a denúncia de uma sociedade que peca em nome da fé. Ao cego encomendavam-se orações, ao clérigo cabia o arrependimento do moribundo, o buleiro distribuía a salvação em troca de boa paga e o arcepreste, como figura sacerdotal, deveria ser exemplo de conduta. No entanto, os principais mestres de Lázaro denunciam uma realidade discrepante daquela que se espera, e avareza, crueldade, enganação e troca de favores imorais mostram que os pensamentos utilitarista e individualista estão acima da fé em uma sociedade que vive, essencialmente, de aparências. Nesse contexto, é necessário que Lázaro subverta-se à imoralidade para que chegue ao bom porto.

A data em que foi escrita, bem como a data em que foi publicada e o nome do autor são questões que circundam até hoje essa obra precursora do romance picaresco. Há duas pistas para a localização temporal da narrativa: a batalha de Gelves e a reunião das Cortes de Carlos V em Toledo. Ambas ocorreram duas vezes: Gelves em 1510 e em 1520 e as Cortes em 1525 e em 1538/1539. Dentre as combinações possíveis, o estudioso Joseph Rikapito (1983, p.17) acredita que “las posibilidades de fechas, 1510 de Gelves y 1525 de las Cortes, pueden ser más lógicas a la esencia de la obra”. Lázaro termina sua carta dizendo que o que foi narrado “ocorreu no mesmo ano em que nosso vitorioso Imperador entrou nesta insigne

cidade de Toledo e nela reuniu as Cortes, e houve muitas festas e muito júbilo” (LAZARILHO, 2012, p.183). Ocorre que “el año 1539 se recuerda por el hambre y pestilencia, la muerte de la criatura de la reina, y la reina misma. (...) En 1538, las grandes polémicas acerca del erasmismo se atenúan” (RICAPITO, 1983, p.16) e, então, a alusão ao imperador como vitorioso e às festas e júbilo parecem não refletir o contexto de 1538, mas sim de 1525, quando o pensamento erasmista ainda era muito forte e teria maior verossimilhança com a época que a narrativa se propõe retratar.

Em relação à questão sobre a data em que foi escrito, os críticos se dividem entre 1525 e 1554. No entanto, não há como precisar o período exato de composição, haja vista que a falta do nome do autor dificulta sua localização temporal, bem como a imprecisão sobre a batalha de Gelves e as Cortes. Cada data apresenta sua problemática. Lembrando que as versões mais antigas que conhecemos datam de 1554, se foi escrito em 1525, por que demorou tanto tempo para ser publicado? Além disso, “no admitimos que un Lazarillo impreso pudiera circular tanto tiempo sin ser notado por alguien en alguna parte” (RICAPITO, 1983, p.19), até mesmo porque o fato de ter sido escrita uma continuação para a narrativa evidencia o seu sucesso. Ademais, o fato de figurar no *Index Librorum Prohibitorum* denota que o pequeno livro teve, de fato, algum impacto entre seus leitores. Uma versão censurada chegou a ser publicada em 1573 – Lazarillo Castigado, também proibida pela Igreja – “na qual são suprimidos, na íntegra, os tratados IV e V e diversas frases avulsas” (GONZÁLEZ, 1994, p.90), mas sua repercussão não é a mesma do original, pois viola a essência do primeiro romance e perde toda a fundamentação de denúncia e da formação do caráter do pícaro. A fortuna editorial retorna apenas em 1834, após a Inquisição e já com o texto integral. Por outro lado, tomar 1554 como data de composição também pode ser incoerente, pois

el libro mantiene en su narración un tono de frescura e inmediatez que parece deberse a una composición en contacto con el tiempo que narra. Parece anacrónica la fecha 1553 o 1554, pues sería poco lógico que se escribiera en 1553 o 1554 sobre unos acontecimientos que tienen lugar de 1502 a 1525, a juzgar por esa tonalidad de frescura que el libro posee. (RICAPITO, 1983, p.19).

Tal polêmica tem ligação com as edições de *Lazarillo de Tormes*. Os críticos defendem a hipótese de haver uma edição considerada a *princeps*, que teria dado origem às demais. A presença de italianismos assim como a diferença estrutural entre as edições (por exemplo, algumas adições no texto e a divisão em tratados) levam a crer que, antes de ser impresso, *Lazarillo* circulou em diversos manuscritos – como era costume da época.

Acredita-se que o texto original não tinha o título que tem hoje, nem a divisão em tratados e, tampouco, as epígrafes que as edições conhecidas apresentam. A correspondência entre esses elementos e o texto em si não aparentam relações nem pela estrutura lógica que a obra apresenta nem pela criatividade na sua composição. Provavelmente, esses elementos tenham sido inseridos pelos editores e não pelo autor.

Há, ainda, espaço para outros questionamentos. Os italianismos podem indicar que o autor do texto era um italiano? Se considerarmos o fato de que quem escreveu a obra parecia conhecer muito bem a sociedade que denunciava, então poderíamos justificar os estrangeirismos se o autor fosse um espanhol morando na Itália? Ou a presença desse fenômeno linguístico está relacionada apenas com a imprensa editorial italiana que propalou o manuscrito? Levar o texto para publicação na Itália seria uma forma de despistar a Inquisição para proteger o autor? Se parece evidente que a versão – ou melhor, as versões – circularam primeiro em manuscritos, de acordo com o costume da época, quando, afinal, foi publicada a primeira edição de *Lazarillo de Tormes*? São perguntas sem resposta, são possibilidades que precisamos considerar para tentar compreender o universo de criação e de circulação do texto.

Apesar de haver menção a edições anteriores, conhecemos apenas as quatro publicadas em 1554, em quatro lugares diferentes, como sendo as mais antigas: Alcalá de Henares, Burgos, Antuérpia e Medina del Campo. Essa última traz consigo uma história que lhe dá vida própria. Em 1992, durante a reforma do sótão de uma casa, uma pequena biblioteca foi descoberta. Preservada pelas paredes, o tempo foi muito generoso especialmente com o *Lazarillo*. Eram “onze títulos (dez em nove volumes impressos e um manuscrito), todos datados do século XVI e proibidos à época pela Inquisição” (GONZÁLEZ, 2012, p.8). Uma nova onda de curiosidade tomou conta do meio acadêmico: quem seria o proprietário de tais obras? Quem foi capaz de compreender sua importância e de arriscar-se em uma época tão cruel com os pecadores? Que mente iluminada selecionou, embrulhou cuidadosamente e emparedou um pequeno tesouro? Quase dez anos depois, descobriu-se que o proprietário da casa – e, por suposto, da biblioteca - tratava-se do médico erudito e humanista Francisco Peñaranda, que os estudiosos acreditam “ter sido um criptojudeu, isto é, alguém que fingia ter se convertido ao cristianismo mas que, em segredo, praticava a religião judaica” (GONZÁLEZ, 2012, p.8). Comparada às demais e seguindo a teoria de que todas partem de uma só versão, modificada ao longo de sua circulação através do tempo, em diferentes lugares, em manuscritos e em edições impressas, a edição de Medina del Campo é considerada pelos críticos “a mais próxima à *princeps*, até hoje perdida” (GONZÁLEZ, 2012,

p.8). Antes dessa descoberta, alguns consideravam a edição de Burgos a mais semelhante à original, devido à linguagem mais descuidada.

Todo o mistério que envolve a obra original também se estende ao autor de *Lazarilho de Tormes*. No prólogo, o autor fala que aqueles que escrevem “querem ser recompensados, não com dinheiro, mas com que vejam e leiam suas obras e, se forem merecedoras, que sejam elogiadas” (LAZARILHO, 2012, p. 21). Ora, o escritor quer, como pagamento, honra, reconhecimento alheio. No entanto, o autor permanece anônimo até hoje e, “talvez, *Lazarilho de Tormes* possa ter sido a única obra escrita por um autor hoje fora do cânone e, assim, praticamente desconhecido, que quis permanecer anônimo” (GONZÁLEZ, 2012, p.193). Com isso, podemos inferir que essa honra já é uma sátira da honra verdadeira, uma vez que ela estaria fadada a ser fictícia devido à ausência de um nome que lhe pudesse carregar.

Muitos críticos tecem teorias sobre quem escreveu o romance, mas o fato é que ainda não há consenso sobre um único nome. Há, sim, concordância de que, provavelmente, o primeiro manuscrito tenha sido obra de algum erasmista, haja vista a ideologia que permeia a narrativa. Outra influência que parece ser clara é a de Maquiavel. *O Príncipe* foi escrito em 1513 e publicado pela primeira vez em 1532, no entanto, ambas as datas podem ser imprecisas e a obra poderia circular em manuscritos muito antes de 1532. Além disso, também as datas de criação e de publicação de *Lazarilho de Tormes* não são certas. A obra de Maquiavel traz, assim como *Lazarilho*, a relação dessas forças antagônicas que são a virtude e a honra, que se complementam na organização da vida social e política, retratando o contexto social denunciado pela picaresca.

Fazendo uma breve análise do contexto histórico em que provavelmente a obra tenha sido escrita, o século XVI, nota-se que a burguesia estava em ascensão (surgia um novo modo de produção e uma nova classe, ainda sem lugar na sociedade estamental controlada pela Igreja, que buscava manter o *statu quo* para não perder sua força dominante) e o pensamento renascentista privilegiava o razão em detrimento da emoção, de modo que o racionalismo deveria servir ao homem. Em 1517, teve início, com Martinho Lutero, o movimento da Reforma Protestante, que consistia, basicamente, na contestação de certos dogmas da Igreja Católica. Em 1545, para frear a onda protestante, foi realizado o Concílio de Trento, que reabriu o Tribunal do Santo Ofício. A volta da Inquisição significava o retorno do medo de ser acusado de heresia, de ser torturado e de ser morto em nome da manutenção e da pureza da fé. Conforme já foi dito, *Lazarilho de Tormes* chegou a figurar no *Index Librorum Prohibitorum*. É por isso que,

para compreender o anonimato da obra, não se deve desprezar que esse recurso permitiu ao seu autor ficar livre das possíveis consequências da publicação de uma obra que denunciava mordazmente a corrupção social da época. Sobretudo quando essas denúncias atingiam em cheio o clero (GONZÁLEZ, 2012, p.193).

Por outro lado, não podemos desconsiderar que o fato de haver um narrador em primeira pessoa – e não o costumeiro narrador heterodiegético – era uma novidade. Quem fala não é o herói tradicional, personagem estereotipada e rígida e que só ganha voz na terceira pessoa em uma narrativa de aventuras sem compromisso com a realidade histórica e social. No tom confessional da voz de Lázaro, na narrativa de desnudamento que denuncia a degradação do homem em relação à sociedade, o texto perde sua trivialidade e

não mais será a expressão do que acontece a alguém, mas do homem existindo no que acontece. E a série de acontecimentos não fica aberta – como nas novelas de cavalaria – mas se fecha na conclusão de um processo explicado no universo existencial do protagonista. (GONZÁLEZ, 1988, p. 10)

Uma obra tão revolucionária para a história da literatura ganha mais verossimilhança se não apontar o autor. O autor é Lázaro, ora. Ele é quem está contando sua própria história, bem mais realista que as narrativas fantásticas das novelas de cavalaria. Não podemos deixar de considerar que o anonimato da obra seja parte do projeto literário que estava em construção. Para a época, poderia ser difícil assimilar um escritor que narra em primeira pessoa, mas que não fala de si (criatura e criador podem ser confundidos e um pagar pelo pecado do outro).

E é assim, cercado de questões ainda sem respostas concretas, que *Lazarillo de Tormes* chega até o leitor contemporâneo: escrito não se sabe exatamente quando, publicado pela primeira vez não se sabe ao certo onde, criado não se sabe precisamente por quem (um erasmista influenciado por Maquiavel?). Um livro pequeno, mas que foi capaz de abalar uma sociedade inteira e que por alguém ter remado com força e manha contra a maré logrou a astúcia de atravessar os séculos e chegou ao bom porto de fundar um novo gênero para a literatura.

3 LAZARILHO DE TORMES E SUA ESTRUTURA

O romance picaresco é, tradicionalmente, uma narrativa que descreve o percurso de aventuras do pícaro, sendo o deslocamento fator essencial na sua formação como tal, uma vez que é graças a essa mobilidade que as adversidades aparecem em sua vida e vão moldando seu caráter, além de, dessa forma, ser eficiente mecânica para denunciar a realidade social com a qual a personagem se depara ao longo de sua trajetória. Em *Lazarillo de Tormes*, obra precursora na literatura, a viagem de Lázaro é descrita desde o momento de seu nascimento, ocorrido dentro do rio Tormes, no povoado de Tejares, próximo à cidade de Salamanca – onde foi morar com a mãe após a morte do pai.

Apesar de Lázaro estar constantemente em movimento com seus amos, suas viagens não vão muito além dos arredores de Toledo e Salamanca. Com o cego, vai primeiro desta para aquela; depois passa por Escalona, onde deixa o cego em cruel vingança e foge para Torrijos, em direção a Toledo, e depois para Maqueda, em direção a Salamanca, onde ficará com o clérigo. Sempre mobilidade e adversidade relacionadas, mais uma desgraça recai sobre Lázaro e, descobertas suas investidas à arca do amo, é obrigado a buscar fortuna em outro lugar. Dessa forma, chega a Toledo, onde encontrará o escudeiro. Ainda lá terá como amo um frade, mas por pouco tempo. Em seguida servirá a um buleiro, com quem percorrerá diversos povoados. Cessa a peregrinação enquanto se assenta com o capelão e, depois, com o oficial de justiça. Por fim, já funcionário público - pregoeiro - Lázaro termina a narrativa na cidade de Toledo.

Dentre os espaços de permanência, chama atenção a descrição da casa do escudeiro, pois ela é quase uma personagem e, inclusive, a desgraça na vida do amo de Lázaro é atribuída ao seu aspecto sombrio. Aparentemente boa por fora, é completamente vazia por dentro, sendo tão somente aparência. Para exemplificar o que a casa representava para Lázaro, podemos citar a passagem de um cortejo que ia com um morto. Sua viúva gritava: “Meu marido e senhor, para onde o levam? Para a casa triste e desgraçada, para a lúgubre e escura mansão, para a casa onde nunca se come nem se bebe” (LAZARILHO, 2012, p. 131).

Os demais locais de parada são, geralmente, pensões e estalagens, não pormenorizadas no romance e quase não trazem pistas para ajudar a solucionar o mistério em relação ao tempo da narrativa. O que se pode afirmar com certeza é que as aventuras de Lázaro aconteceram na época do imperador Carlos I, pois há alusão à expedição contra os mouros – a história registra uma em 1510 e outra em 1520 – na qual seu pai teria perdido a vida; além da alusão às Cortes,

reunidas pelo imperador em 1525 e em 1538. Dessa forma, há apenas como estabelecer um período e estimar a idade de Lázaro na casa dos vinte anos ao final da narrativa.

Criado pela mãe “até ser um bom rapaz, que já servia para buscar vinho e vela para os hóspedes e fazer tudo mais que mandassem” (LAZARILHO, 2012, p. 35), foi entregue ao cego ainda menino. Não há informação sobre o tempo que permaneceu servindo a esse amo, mas é possível inferir que tenha sido o mais longo entre todos os amos, haja vista que os números de episódios dessa época são vários. Ainda menino, é admitido pelo clérigo, com quem fica por cerca de seis meses, conforme a passagem em que revela comer bem apenas em ocasiões de morte, o que não era suficiente, “porque em todo o tempo em que ali estive, que foram quase seis meses, só umas vinte pessoas faleceram” (LAZARILHO, 2012, p. 73). Entre o segundo e o terceiro amo, é possível perceber a transição da infância à vida adulta do protagonista. Após o clérigo, ele não chamará mais seus amos de “tio” e contará com mercês das mulherzinhas que viviam próximo à casa do escudeiro, além de ter sido chamado de “velhaco e vagabundo” (LAZARILHO, 2012, p. 95) quando chegou à cidade. Com o terceiro amo, Lázaro esteve por cerca de dois meses – tempo inferido devido à cobrança do aluguel da casa do amo que, “feitas as contas, pelo prazo de dois meses somaram uma quantia que ele não ganharia em um ano” (LAZARILHO, 2012, p. 141). Com o frade, Lázaro se estabelece por um curto período: “Foi ele quem me deu os primeiros sapatos que gastei na vida, que não me duraram mais que oito dias, nem eu pude com o trote dele durar mais” (LAZARILHO, 2012, p. 149).

Após abandonar o frade, o novo amo passa a ser um buleiro e o tempo de permanência mais uma vez é dado pela narrativa: “Para concluir, estive com esse meu amo cerca de quatro meses, durante os quais também passei enormes fadigas” (LAZARILHO, 2012, p. 169). O tempo com o mestre de pintar pandeiros parece ser muito curto, pois é mencionado apenas como uma passagem antes de chegar ao capelão, que não recebeu Lázaro como criado, mas antes como se fosse um empregado: “(...) ao fim dos quatro anos em que nele [no ofício] estive, controlando bem os ganhos, pude economizar para vestir-me mui honradamente com roupa usada” (LAZARILHO, 2012, p. 171). Em seguida aparece a figura do oficial de justiça, mas também apenas como passagem – “muito pouco tempo estive com ele, porque o ofício me pareceu perigoso” (LAZARILHO, 2012, p. 173). Depois disso, Lázaro consegue o ofício real de pregoeiro, sendo que no momento em que escreve a carta ainda é funcionário público.

É devido a essa distância temporal entre o momento de narrar e os fatos em si que o romance epistolar, escrito em resposta a uma solicitação de esclarecimento, admite como melhor forma narrativa o foco de caráter autobiográfico. O narrador em primeira pessoa participa da diegese da obra ao trazer o tom confessional para o enredo. Admitindo a perspectiva de um momento cronológico distante do começo da história a ser contada, o foco narrativo apresentado permite que apenas os fatos de interesse sejam evocados, bem como a maneira de trazê-los ao conhecimento do leitor. O narrador de primeira pessoa não pode ser imparcial, haja vista que fala sobre si, ou seja, suas impressões e seus juízos de valor estão impregnados em todas as palavras. No entanto, como o autor alerta no prólogo, “pode ser que alguém que as leia nelas encontre algo que lhe agrade” (LAZARILHO, 2012, p. 19).

O leitor que vai além do simples prazer hedonístico pode entender que, embora não perceba, Lázaro denuncia sua degradação moral para lograr o bom porto. É justamente pela incapacidade de enxergar-se que ele dará às vistas de quem o lê sua baixa condição, ainda que, para ele, esteja narrando sua conquista em ascender socialmente ao contar todo o percurso de sua vida – ou, pelo menos, as partes que ele julga interessantes para fundamentar sua defesa e exaltar sua trajetória. Dessa forma, o narrador denuncia não só a si próprio, mas também a toda uma sociedade corrompida e individualista – especialmente aqueles ligados à Igreja ou a questões que envolvam a fé.

A despeito da desgraçada vida de Lázaro e da degradada sociedade em que ele vive, a narrativa conta com diversas passagens de efeito humorístico para o leitor atento. Para produzi-lo, o recurso da ironia é bastante utilizado. Há a ironia dos fatos e a ironia do texto.

A ironia textual se refere ao que Lázaro escreve. Por exemplo, quando a mãe entrega o filho para servir ao cego, afirmando que ele “era filho de um bom homem, que tinha morrido ao defender a fé na batalha de Gelves” (LAZARILHO, 2012, p.35) quando, na realidade, o pai fora um ladrão que, desterrado, foi mandado à expedição para servir a um cavaleiro. Temos também a escolha do adjetivo para designar o clérigo em “maldito e lazarento do meu amo” (LAZARILHO, 2012, p. 75) e em “despertando o lazarento do meu amo” (LAZARILHO, 2012, p.81). Como não há nenhuma menção à chaga, podemos inferir que o uso da palavra lazarento traz o sentido de pessoa ruim. Ora, há tantos outros adjetivos semelhantes, o uso de um que é adjacente de Lázaro é irônico. Ainda em relação ao clérigo, quando descobre que – supostamente os ratos - roeram o pão, chama “Lázaro! Veja! Veja que desgraça fizeram esta noite com o nosso pão!” (LAZARILHO, 2012, p.79). O uso do pronome possessivo no plural é uma grande ironia, pois o amo mantinha o menino privado do

alimento. Já com o escudeiro, quando ele orienta Lázaro a fechar “a porta à chave, para que não nos roubem alguma coisa” (LAZARILHO, 2012, p.111), a ironia vem da preocupação de ter violada uma casa tão vazia, escondendo o que ele realmente queria disfarçar – sua pobreza – para manter as aparências. Tal recurso estilístico ainda pode ser exemplificado na passagem já citada sobre a casa desse mesmo amo, quando a viúva diz que levarão seu marido “para a casa triste e desgraçada, para a lúgubre e escura mansão, para a casa onde nunca se come nem se bebe” (LAZARILHO, 2012, p. 131) e Lázaro entra em pânico, como se vivesse em um mausoléu.

Já a ironia dos fatos diz respeito à própria degradação de Lázaro e de como ela se dá em seu percurso narrativo. Aparentemente consciente de si e dos outros no começo da narrativa, termina mais cego que seu primeiro amo, haja vista que prefere não ver a si mesmo a ter que abrir mão dos privilégios espúrios que sua cegueira moral lhe dá. Quando seu irmãozinho chama o pai de bicho-papão por ser negro, Lázaro diz a si mesmo que “quantos não devem haver no mundo que fogem dos outros porque não enxergam a si mesmos” (LAZARILHO, 2012, p. 31). Mais adiante, ao perceber que o escudeiro vivia escondendo sua miséria detrás das aparências, reflete que “quantos desses deve haver espalhados pelo mundo, que padecem pela desgraça que chamam honra o que não padeceriam pelo Senhor” (LAZARILHO, 2012, p. 131). Essas duas passagens são alguns dos exemplos que tornam irônico o final de Lázaro, que não quer enxergar-se – “se você é meu amigo, não diga nada que me aborreça, pois não considero amigo quem me traz aborrecimentos” (LAZARILHO, 2012, p.181) – e que degrada sua moral ao tolerar as leviandades da mulher em nome da honra de manter uma posição social mais elevada da que tinha ao nascer – “por meio dela [sua esposa], Deus me concede mil graças, muito mais do que eu mereço” (LAZARILHO, 2012, p.181).

A ironia é essencial para significar (e justificar e revelar) a vida da personagem. Considerado o primeiro pícaro da literatura, Lázaro de Tormes evidencia as mazelas da sociedade em que vive. Por meio de sua trajetória, o leitor passa a entender o porquê de ele ser como é, haja vista que exerce, ao mesmo tempo, o papel de vítima e de aprendiz no contexto em que está inserido. Seus conceitos de virtude e de honra fazem dele um anti-herói, pois não age senão em busca de benefícios para si próprio.

Há, no entanto, uma passagem em que Lázaro mostra preocupação com o próximo. Quando servia ao escudeiro, ele demonstra sentir pena do amo devido à condição em que vivia a custo de manter a aparência de sua honra: “Que Deus tenha tanta pena de mim como a

que eu tinha dele, porque sabia o que ele sentia, já que muitas vezes tinha passado, e ainda passava a cada dia, pela mesma situação” (LAZARILHO, 2012, p.119). Tal sentimento só era possível por Lázaro senti-lo seu semelhante no tocante à fome. Por mais que as aparências e a origem fizessem dos dois homens em condições tão diferentes perante a sociedade, no âmagô, no estômago, na necessidade eram iguais. E, como se essa equidade fosse ilegítima, algumas vezes Lázaro privava a si próprio em solidariedade ao amo, que renegava o trabalho em nome de sua honra: “Vendo que nada tinha e nada podia fazer, sentia pena e não raiva e muitas vezes, para levar para casa algo com que ele passasse bem, eu passava mal” (LAZARILHO, 2012, p.123).

Tirando o episódio vivido com o escudeiro, nosso pícaro mostra-se sempre individualista e não poderia ser diferente. O núcleo familiar de Lázaro, responsável pelos primeiros ensinamentos, é formado por um trio de ladrões: a mãe, Antona Pérez; o pai, Tomé González; o padrasto, Zaide. Desde cedo eles ensinam ao menino o jogo de interesse na luta por conseguir comida e conforto, formando o conceito de o que é ser bom e de o que é a honra de forma enviesada. No exemplo dos pais e do padrasto, Lázaro encontra subsídios para seguir o conselho da mãe: “Aprenda a valer-se por si mesmo” (LAZARILHO, 2012, p. 35).

O gérmen de buscar obter vantagens a partir da manha já havia sido plantado, então, quando a mãe entrega Lázaro menino ao cego. Primeiro amo a figurar na trajetória, responsável por acabar com a ingenuidade do menino e iniciá-lo nas artes da astúcia, ele é essencial para que o pícaro – em construção – sobreviva às adversidades que encontrará pelo caminho. Mendigando e usando a fé dos outros – principalmente das mulheres - para conseguir dinheiro, o amo era mesquinho e avarento, “tanto que me matava de fome e não me dava nem metade da comida de que eu precisava” (LAZARILHO, 2012, p. 39). A figura do cego é tão forte na sua formação que Lázaro chega a dizer que “depois de Deus, ele me deu a vida e, sendo cego, me iluminou e me ensinou a arte de viver” (LAZARILHO, 2012, p. 37). Ora, a referida arte é fundamentada em lições de trapaça, na qual o aprendiz se mostra muito habilidoso, tanto é que, diversas vezes, consegue enganar o amo – “eu o enrolava de tal modo que sempre, ou na maioria das vezes, tocava-me o maior e melhor quinhão” (LAZARILHO, 2012, p. 41) – sem que ele percebesse. E essa, afinal, é a vida de Lázaro: uma enganação em busca de vantagens. Se o cego não lhe desse a vida (essa vida), é bem provável que ele sucumbisse à sociedade cruel que mata quem dela não sabe tirar proveito.

Ironia da desgraça da vida, tão cruel quanto a própria sociedade e muito mais avarento que o cego, o clérigo é responsável por quase matar Lázaro de fome. Apesar de pregar a

caridade e de dizer que o jejum agrada a Deus – “veja, rapaz, os sacerdotes devem ser muito comedidos em seu comer e beber” (LAZARILHO, 2012, p. 71) -, comia carne todos os dias e uma cabeça de carneiro por semana, ao passo que ao servo cabiam apenas cebolas – sem exageros – e os ossos do carneiro, que dava ao menino dizendo “tome, coma e triunfe, que o mundo é todo seu. Você tem vida melhor que a do Papa” (LAZARILHO, 2012, p. 69). Tão astuto quanto o cego, tinha a vantagem da visão aguçada, principalmente para com o ofertório. Chamado de maldito e lazarento pelo servo, deu-lhe os pães supostamente roídos por ratos, justificando que “rato é bicho limpo” (LAZARILHO, 2012, p. 81), demonstrando quanto amor ao próximo havia nesse seu ato de caridade.

O clérigo manda Lázaro embora e, depois de viver na carne as chagas da privação em nome da avareza, passa a servir o escudeiro e sofre da mesma mazela – a fome -, mas agora em virtude da honra – “que, nos dias de hoje, é todo o cabedal dos homens de bem” (LAZARILHO, 2012, p. 135). O novo amo passa fome e vive uma vida miserável, mas sem descuidar das aparências. Atribui o momento desafortunado de sua vida à mansão em que vive de aluguel, lúgubre, como se ela trouxesse má sorte. Tem um comportamento muito passivo em relação às ações de ordem prática, como buscar meios de ganhar dinheiro e de sobreviver. Parece esperar que um grande cavaleiro o queira como escudeiro. Não traz nada no estômago, mas embainha uma espada valiosa e ostenta ares de riqueza. A honra é o que mais lhe importa, tanto é que mudou-se de sua terra por uma questão que a Lázaro pareceu ridícula, pois “tinha abandonado sua terra só para não tirar o chapéu para um cavaleiro vizinho seu” (LAZARILHO, 2012, p. 135) - era extremamente orgulhoso e o servo diz que “gostaria que não fosse tão presunçoso, que abaixasse um pouco seu topete com o muito que subia sua necessidade” (LAZARILHO, 2012, p. 125). Alguns cavaleiros medíocres solicitaram os serviços do escudeiro, que não os achava à altura de seu merecimento. Por fim, tanta preocupação em manter as aparências em nome da honra e eis que o conceito que ele tem fica explícito ao dizer que “se eu encontrasse um senhor, penso que seria um bom criado privado e lhe prestaria mil serviços, porque saberia mentir tão bem como outro qualquer e o agradaria às mil maravilhas” (LAZARILHO, 2012, p. 139). Ou seja, o único exemplo de personagem preocupado ferrenhamente com sua honra, é desafortunado, vive apenas de aparências e, pela descrição que faz de um bom criado e pela maneira como foge da cidade, não há nada de honroso em seu conceito de honra. O homem de bem é uma fraude.

Fraudulenta é também a conduta do buleiro, com quem Lázaro se estabelece após ter servido brevemente a um frade. Temos, mais uma vez, um homem que engana pelas

aparências e usa da fé para tirar dinheiro das pessoas. Dentre os atos da narrativa, era “o mais esperto e desavergonhado de todos” (LAZARILHO, 2012, p. 149). Astuto e teatral, não havia onde não vendesse suas santas bulas. Funcionário eclesiástico, dá a Lázaro o exemplo da adulação ao presentear clérigos e padres para “ganhar-lhes a simpatia, para que favorecessem o seu negócio e chamassem os paroquianos para receber a bula” (LAZARILHO, 2012, p. 151). Lázaro diz que com ele também passou “enormes fadigas” (LAZARILHO, 2012, p. 169), mas não chega a entrar em detalhes.

Por essas causas que ele não chega a esclarecer, Lázaro o deixa e conhece o capelão, importante por possibilitar a ele sua primeira ascensão, conseguida por meio do trabalho que foi oportunizado – mas, na sequência, por ele renegado. Curioso é que justo um membro da Igreja oportuniza a Lázaro o lucro, um resultado bastante comercial e muito condenado pela instituição católica. É esse dinheiro que permite a compra de uma vestimenta e de uma espada, de modo que o protagonista vai trabalhar com um oficial de justiça - é, talvez, a única figura de honra legítima em todo o romance, pois enfrenta os foragidos da justiça enquanto Lázaro foge deles. No entanto, de nada vale, pois não consegue fugir das pedradas e das pauladas e “trataram-no muito mal” (LAZARILHO, 2012, p. 175).

Toda a trajetória de aprendizados que o protagonista vai trilhando culmina na figura do Arcipreste de San Salvador, que oferece favores a Lázaro em troca de sua tolerância ao arrumar-lhe casamento com uma criada. Também ligado à Igreja, sua vida mostra-se uma fraude, pois sua relação com a mulher não está de acordo com a conduta esperada. Mesmo assim, o pícaro defende a honra da esposa e alega que ela é “boa filha e diligente serviçal” (LAZARILHO, 2012, p. 179) - embora, “por mais de três vezes, garantiram que, antes de que comigo se casasse, ela havia parido três vezes” (LAZARILHO, 2012, p. 181). Essa mulher acaba sendo o símbolo da degradação moral de Lázaro, pois graças aos benefícios oferecidos pelo arcipreste, Lázaro chega ao bom porto.

4 LÁZARO, O PÍCARO

A picaresca surgiu na literatura há mais de quatrocentos anos. Considerado o gérmen do gênero, *Lazarillo de Tormes* ganha clara definição nas palavras de Mario González (1988, p.42), que diz que a novela picaresca é

a pseudo-autobiografia de um anti-herói que aparece definido como marginal à sociedade; a narração das suas aventuras é a síntese crítica do processo de tentativa de ascensão social pela trapaça; e nessa narração é traçada uma sátira da sociedade contemporânea do pícaro.

Personagem marginalizado que luta pela sobrevivência, Lázaro parte de sua própria degradação rumo ao bom porto – a degradação de toda uma sociedade embasada em jogos de interesses e na aparência, de modo que assim surge a controversa relação entre as forças da honra e da prudência (ser x parecer / virtude x vício). O pícaro é o personagem que, sem voz na sociedade em que vive, ganha voz de uma perspectiva baixa em direção a uma alta, mas que não tem consciência do seu próprio discurso e acaba, portanto, por desnudar as aparências e denunciar o rebaixamento moral daquilo que aparenta ser superior, além de rebaixar ainda mais sua condição.

Apesar de fazer uma denúncia, o pícaro não está criticando a sua sociedade nem pretende revolucioná-la. O que ele quer é, justamente, atingir o socialmente elevado, pois aprende que essa é a posição confortável para se viver. O preço a pagar – a degradação moral – não lhe envergonha, pois – ao contrário do herói tradicional – ele pensa apenas em si. No contexto capitalista, o pícaro faz “um alienado protesto contra o trabalho alienado” (KOTHE, 1981, p.48). É uma questão de autodefesa: há duas posições sociais, uma superior e outra inferior. Quem está embaixo sofre, passa fome e é espezinhado pelos que estão em cima, e o pícaro aprende que precisa de astúcia para ascender. Suas habilidades são maliciosas, ele precisa ludibriar os outros para subir os degraus que levam ao bom porto – haja vista que o trabalho é condição dos baixos. Com isso, não há abertura para pensar no bem comum, não há espaço para estender seu universo para além de si mesmo e, então, torna-se o que chamamos de anti-herói.

O rebaixamento de Lázaro fica evidente desde seu nascimento. Parido às margens de um rio, sua genealogia já nega qualquer honra em sua origem. Filho de pai ladrão e de mãe prostituta, ambos demonstram agir com astúcia ao ludibriar os outros em busca de benefícios próprios, ou seja, a desonra corre nas veias de Lázaro. Durante a vida, todas as adversidades

que surgem lhe obrigam a aprender a manha de driblar sua má fortuna. Apresentar um herói às avessas é uma alegoria da sociedade maniqueísta (bem x mau / elevado x rebaixado) que se divide em dominadores e em explorados. O título pode até aparentar a nobreza dos heróis de cavalaria (*Lazarillo de Tormes*, semelhante a *Amadís de Gaula*), mas não passa de uma comparação de mera aparência: seu heroísmo, irônico, é tão somente privado. Segundo Mario González (2012, p.200), “o protagonista de *Lazarillo de Tormes* empreende, assim, a derrubada dos mitos da heroicidade mediante a denúncia do vazio em que se apoia a sociedade que os cultua”. É uma personagem que faz uma bricolagem do que aprende, resultando no mosaico da moral às avessas em uma literatura inovadora e, por isso, Ricapito (1983, p. 24) afirma que “el pícaro no nace de una fuente única. Valdría la pena verle como la culminación de varias corrientes, el ápice de un desarrollo disforme, multidimensional y multilateral”.

A multiplicidade constitutiva do pícaro é de extrema riqueza. Primeiro, porque ele não existe por si próprio: precisa de um contexto e de uma trajetória que o criem. Dessa forma, quanto mais dados sociais e históricos o leitor tiver, maior será a capacidade interpretativa obtida do texto. Além disso, por sua condição baixa, essa personagem pode expor abertamente uma sociedade espúria sem deixar o leitor em choque, pois seu discurso é irônico e traz tons de humor. Apesar de narrar situações de imenso sofrimento, ele o faz em tom de graça e rimos até quando sua lamentação é verdadeira. Isso pode ser verificado no universo interno de *Lazarillo*, nas diversas vezes em que, ferido e ainda menino, ouvia zombaria em lugar de consolo. Como exemplo, cito a passagem do final do segundo tratado quando, depois de apanhar do clérigo a ponto de quase morrer e de recobrar os sentidos ao final de três dias, Lázaro diz que os vizinhos “tornaram então a contar minhas desgraças e a rir delas e eu, pecador, a chorar por elas” (LAZARILHO, 2012, p.95).

4.1. Um romance de aprendizagem

A aprendizagem de Lázaro – e que ele quer mostrar, inconscientemente, ao leitor – é “quanta virtude há em subir partindo de baixo, e quanto vício em rebaixar-se estando no alto” (LAZARILHO, 2012, p.39). Essa declaração sintetiza a intenção de denunciar que, no modo de produção constitutivo da sociedade da época, a ascensão moral estava diretamente relacionada com descenso moral. Ao bom porto só se pode chegar se for na barca do vício, e quanto mais vício uma pessoa tem, mais virtude aparenta ter.

A aprendizagem depende de um processo que a constitua. Para Mário González (2012), há uma sequência inicial - a **infância** – que vai do nascimento até a quando a mãe entrega Lázaro para servir ao cego. É um período de grande passividade, “na qual a personagem é um mero espectador de uma série de episódios” (GONZÁLEZ, 2012, p.210). Aqui o menino ainda é inocente, mas já observa a sociedade em que vive.

O grande despertar surge na fase do **aprendizado** propriamente dito, sendo os três primeiros anos os maiores mestres de Lázaro. A tomada de consciência ocorre logo que se torna guia do cego, quando este lhe bate a cabeça contra um touro de pedra sob a falsa promessa de ouvir um barulho. O cego lhe alerta que ele deve estar um passo a frente do diabo para ser um bom guia, ou seja, era necessário ter malícia e não confiar totalmente em ninguém:

Pareceu-me que naquele instante despertei da inocência em que, como criança, estava adormecido. Pensei lá no fundo: ‘O que ele diz é verdade. Devo abrir bem os olhos e ficar esperto, pois sou sozinho e tenho que aprender a cuidar de mim. (LAZARILHO, 2012, p.37).

Avarentos, o cego e o clérigo deixam o menino à mingua e ele se vê obrigado a valer-se da astúcia para não morrer de fome. Se ele agisse com honra, provavelmente teria definhado e, portanto, fica assim estabelecida a lição de que ludibriar os outros é um ato necessário para a sobrevivência. Paralelo ao sofrimento do corpo, ficava a promessa da purgação da alma, pois tanto o cego quanto o clérigo louvavam o jejum – apesar de não serem adeptos dele – e condenavam a gula. Sendo o segundo ano pior que o primeiro, a fome de Lázaro só aumentava. Ao estabelecer-se com o escudeiro, teve a ilusão de que homem tão bem vestido deveria proporcionar-lhe fartura. Ao perceber que havia sido enganado pela aparência e que o novo amo nada poderia lhe dar, passa a pedir esmolas e a sustentar não só a si, como também ao escudeiro. A derrocada de Lázaro era evidente e seus infortúnios só aumentavam. Nesta fase, a fome se constitui como se fosse a alma, o impulso de vida que vai moldando o caráter do pícaro.

Quando ele é abandonado pelo terceiro amo, que encerra a fase da aprendizagem demonstrando o quanto as aparências são enganadoras e o quanto a honra pode degradar uma pessoa (em nome dela, o escudeiro mudou de cidade e preferiu passar privações a trabalhar ou a servir um mau cavaleiro), Lázaro já tem lições suficientes para assumir um papel mais ativo que passivo em sua própria trajetória: começa a fase de **progressão**, na qual figuram os quatro anos seguintes. Do Frade das Mercês e do mestre de pintar pandeiros pouco se sabe, mas do

buleiro e do capelão temos mais informações. Sempre viajando com o amo a vender bulas falsas, o pícaro começa a entender as relações de enganação e de hipocrisia que se estabeleciam entre os homens. O jogo de interesses, a exploração da fé, a mentira e a adulação são novos mecanismos do astuto arsenal de quem quer alcançar um nível mais elevado na sociedade. Com mais autonomia e sem o fantasma da fome, Lázaro decide romper sua relação com o buleiro. A grande mudança vem com o capelão: a relação aqui não será mais de serventia, mas semelhante à de patrão e empregado – ou seja, cria-se uma situação de trabalho, da qual poderá obter-se um pagamento. É esse pagamento que proporcionará a primeira ascensão de Lázaro: após economizar por quatro anos, consegue comprar uma roupa usada e uma espada velha, conquistando a aparência de homem de bem. O tempo necessário para juntar o dinheiro demonstra o quanto as vestes eram caras e, de fato, inacessíveis à camada mais baixa da sociedade. Lázaro poderia continuar trabalhando e viver de seu esforço, mas ele compreende que esse caminho é árduo e demorado, além de considerar o ofício inadequado para um homem de bem.

Por fim, a chegada ao bom porto ocorre quando “a procura inicial da comida que lhe é negada transforma-se na procura da roupa que lhe dê a aparência necessária e do ofício real que o integre no universo de dominadores onde a figura do amo é substituída pela do senhor” (GONZALEZ, 1988, p.14). Procura, então, um emprego público, pois assim teria posição de mais prestígio e poderia relacionar-se com pessoas de maior interesse. Contando com os favores de alguns senhores e amigos, torna-se pregoeiro, profissão que não o orgulha muito, mas que lhe rende contato com pessoas importantes como o Arcipreste de San Salvador, responsável pela **integração** de Lázaro ao sistema social por ele desnudado e seu conseqüente rebaixamento moral. Ou seja, o protagonista surgiu de uma condição muito baixa, mas conseguir terminar sua trajetória ainda mais rebaixado, numa degradação total.

Ele toma a viagem como o elemento necessário para a busca de situações que construirão o caráter do personagem que peregrina até a chegada ao bom porto. É graças à viagem que se pode conhecer a realidade do povo e da organização da sociedade. A mobilidade do pícaro é condição essencial para o desnudamento da realidade, responsável pelo tom de denúncia social da narrativa. Essencialmente serviçal, o pícaro aprende o vício de seus amos – que apresentam caráter estático, em contraste com o aprendizado pelo qual está passando Lázaro – e depois articula o novo com a aplicação, até que seja capaz de suplantar seus mestres. Assim, numa acepção cartesiana, o pícaro tem a visão direcionada em um plano horizontal com a viagem e em um plano vertical com o serviço.

Andarilho só do próprio caminho, Edward Lopes (1993) frisa que Lázaro é o único ator que atravessa a obra toda, ao passo que as demais personagens aparecem e somem conforme a função que exercerão em determinado período, justamente para moldar o caráter do pícaro, que

é um ator individualizado como um simulacro em construção que surge ingênuo, inocente e quase estúpido no estado inicial, mas vai perdendo esses traços e adquirindo outros na medida em que se defronta com cada novo amo (cada novo mestre na difícil arte da malandragem), até terminar completamente outro, pícaro rematado, no final da história. (LOPES, 1993, p.197)

Com isso, Lopes (1993) organiza o seguinte esquema:

- *Manipulação e Competência* – inversão entre vício e virtude, honra e desonra, essência e aparência, por meio de um querer fazer. Lázaro é manipulado pela avareza dos mestres a querer driblar as adversidades para que possa sobreviver. Por meio do exercício de aprendizagem e aplicação, há um saber fazer. Por exemplo, após sofrer a pancada da cabeça contra uma pedra em forma de touro, é Lázaro que faz o mestre chocar-se contra um pilar. O pícaro demonstra que aprende as lições de seus mestres.

- *Performance e Sanção* – execução de um programa narrativo pícaro que simula a virtude e dissimula o vício (fazer fazer ver / fazer fazer não ver). Com isso, ocorre a interpretação e a retribuição do pícaro, que faz uma análise positiva de sua própria performance, afinal, chegou ao seu bom porto.

Tanto Lopes (1993) quanto González (2012) esquematizam a obra em quatro fases. Apesar dos nomes distintos, são quatro etapas de aprendizado. O romance tem uma sequência lógica organizada de maneira a moldar o caráter do pícaro, ao mesmo passo em que denuncia a sociedade egoísta na qual a personagem está inserida. Quando as possibilidades de ensinamento se esgotam em um lugar, Lázaro empreende nova viagem e passa para a próxima lição, até que esteja tão corrompido quanto qualquer um de seus amos. Em outras palavras, enredo e estrutura trabalham juntos para construir o sentido do texto, demonstrando o processo de aprendizagem, bem como a pedagogia do rebaixamento moral disfarçado pela aparência das convenções sociais.

4.2 A arte de educar as crianças

Erasmus de Rotterdam também defende que a constituição do sujeito é um processo – também de quatro fases – e que sua ênfase é a infância. Em um pequeno manual de conduta, *A civilidade pueril*, ele define que

a arte de educar as crianças divide-se em diversas partes, das quais a primeira parte e a mais importante é que o espírito, ainda brando, receba os germes da piedade; a segunda, que ele se entregue às belas-letras e nelas mergulhe profundamente; a terceira, que ele se inicie nos deveres da vida; a quarta, que ele se habitue, desde muito cedo, às regras de civilidade. (ERASMO, 1978, p.70).

Já vimos que um pícaro é fruto da sociedade em que (sobre)vive. É por isso que Lázaro folga “em contar a Vossa mercê essas ninharias” (LAZARILHO, 2012, p.37), porque ele segue um percurso que lhe rebaixa a moral e lhe ascende socialmente, e isso indica que há um processo e não uma condição estabelecida de uma hora para outra. Ainda passivo, de espírito brando, os germes que recebeu não foram de piedade. Ao contrário, aprendeu desde muito cedo que, se dependesse da piedade alheia, morreria de fome. A mãe lhe ensina o utilitarismo materialista de aproximar-se dos bons, ou seja, estimula o estabelecimento de relações das quais possa tirar algum proveito. Com o cego, desde muito menino, aprende que precisa de astúcia para driblar as adversidades da vida. É o primeiro mestre que lhe ensina também a avareza e a vileza, além da manipulação – da fé alheia, no caso – em proveito próprio. Com o clérigo tem o reforço da avareza, e entende que ela é universal e está até naqueles que deveriam ser modelos de caridade. Se as surras do primeiro amo lhe deixaram sem dentes, o segundo quase lhe mata de pancada. Ambos estendiam orações a Deus, apesar de serem incapazes de lançar a mínima compaixão a Lázaro.

Para Erasmo, a prudência está ligada ao uso comedido das coisas. No episódio das uvas, com o cego. Ainda imprudente, em vez de reclamar pelo fato de o amo descumprir o acordo e de comer mais uvas do que as que lhe cabia, calou e comeu ainda mais que ele. Assim o primeiro amo ensina a prudência a Lázaro, que demonstrará tê-la aprendido quando, já serviçal do clérigo, consegue a chave da arca. Ele já compreende que precisa agir de modo que o mestre não perceba o roubo e entra em um jogo de caçar ratos que lhe garantem a subsistência por algum tempo, logrando enganar o ardiloso e esperto padre. Pronto: nosso menino tem o germen da avareza e as bases da prudência. Ele aplica e suplanta o que aprendeu com cada amo.

Segue a formação de Lázaro, sem direito às belas artes e sim aos verdadeiros teatros que são os discursos e a conduta de seus amos. Com o escudeiro aprende que as aparências são enganosas, mas ainda assim o parecer vale mais que o ser. Supostamente honrado, o escudeiro não demonstra nenhuma virtude e “a cada manhã, ia o infeliz com aquele ar de felicidade e andar altivo a engolir vento pelas ruas, enquanto o pobre Lázaro esmolava comida por ele” (LAZARILHO, 2012, p.123). Ao contrário: apesar de falar que a honra “é todo o cabedal dos homens de bem” (LAZARILHO, 2012, p.135), o amo, ao considerar o caso de encontrar um bom senhor, sintetiza o conceito corrompido de virtude e denuncia a imoralidade, a adulação e os jogos de interesses quanto diz que

seria um bom criado privado e lhe prestaria mil serviços, porque saberia mentir tão bem como outro qualquer e o agradaria às mil maravilhas. Iria rir muito dos seus gracejos e costumes, mesmo que não fossem os melhores do mundo. Nunca lhe diria coisas desagradáveis, mesmo que fosse para seu próprio bem. Seria muito diligente com sua pessoa, em palavras e atos. Não me mataria por fazer bem aquilo que ele não iria ver e repreenderia a criadagem, quando ele pudesse ouvir, para parecer estar cuidando perfeitamente de seus interesses. Se acaso ele chamasse a atenção de algum criado, eu atizaria sua ira com sutis alfinetadas, mas que parecessem em favor do culpado. Falaria bem do que para ele estivesse bem e, ao contrário, seria malicioso e gozador. Faria intriga sobre os da casa e procuraria saber da vida alheia, para mantê-lo informado, e teria outros talentos deste quilate, que hoje em dia se usam em palácio e agradam muito aos senhores. Eles não querem ver em suas casas homens bons e virtuosos, que são, ao contrário, detestados e desprezados. Chamamos de tolos, dizem que não são gente boa para conviver e que não merecem a confiança do senhor. Assim agem os astutos, como digo, nos dias de hoje e é assim que eu procederá. (LAZARILHO, 2012, p.139-141)

Apesar de longo, o excerto acima sintetiza a lição que Lázaro aprendeu com o terceiro amo, além de revelar o quanto a falsidade sustenta a honra e a virtude dos homens que ocupam as mais elevadas posições sociais. Se o topo é tão corrompido, o que resta a quem está abaixo?

Vem o frade e suas graças aparentam não ser em nada santas. Sua passagem é rápida na narrativa, mas é mais um eclesiástico imoral. Finalmente, o buleiro deixa clara a corrupção do clero e a enganação dos fieis. Reforça, ainda, a adulação, pois levava presentes aos padres da região onde ia pregar para que eles ajudassem a forçar a compra das santas bulas.

Quando Lázaro assume uma postura mais ativa em relação a sua própria história e escolhe os amos e os serviços, começa a fase dos deveres da vida. É a execução de seu projeto de ascensão social com base nas lições aprendidas. Na quarta etapa, quando deve habituar-se às regras da civilização – das quais o escudeiro já dera uma prévia –, a degradação moral de Lázaro se completa e ele, ironicamente, chega ao bom porto. Apesar de – aparentemente - ter

vencido, é necessário lembrar que “todo aquele que, agindo contra a natureza, se cobre com o manto da virtude, ou afeta uma falsa inclinação, não faz senão multiplicar os próprios defeitos” (ERASMO, 1979. p. 26).

4.3 A construção do pensamento utilitarista

Ironia ao utilitarismo que define a ascensão social, *Lazarillo de Tormes* prova que a personagem associa o bem estar a coisas tangíveis – e não poderia ser de outro modo, pois sua formação lhe ensinou o pensamento da busca pelo que seja bom. Sua mãe lhe ensina a lição “aproxima-te dos bons e serás um deles”. Ao despedir-se do filho, suas últimas palavras são: “Meu filho, sei que não o verei nunca mais. Procure ser bom e que Deus o guie. Eu criei você e o coloquei com bom amo. Aprenda a valer-se por si mesmo” (LAZARILHO, 2012, p.35). Cabe ao leitor definir o que significa ser bom nesse contexto.

Fazendo uma breve análise das informações que temos sobre Antona Pérez, mãe de Lázaro, podemos comprovar a teoria que serve de fundo para a história. A mãe fala dos bons, mas se juntou a um negro, que era mal e que tinha a baixa condição de cuidar das bestas. Apesar disso, estar com ele era conveniente, pois Zaide trazia pão e carne para comer, além de lenhas e mantas para aquecer-se no inverno. Por analogia, o conceito que a mãe ensina a seu filho é que os bons são aqueles que podem oferecer algo, independentemente do seu caráter: “Quando entendi que sua vinda melhorava a comida, comecei a gostar dele” (LAZARILHO, 2012, p.31). Ensina, também, que não é necessário apenas sobreviver – o negro afasta o fantasma da fome -, mas também obter o máximo de conforto possível – afasta, ainda, o frio do inverno. Sendo pobre, a mãe sabia que o homem não deveria ter recursos para comprar o que levava para sua casa. Logo, mostra-se condescendente com o comportamento ladino do companheiro. Lázaro, que no momento da narração já conhece os jogos de interesses do mundo, ainda tenta justificar a complacência da mãe e as atitudes do padrasto dizendo que “Não nos admiremos de um clérigo ou de um frade, porque o primeiro rouba dos pobres e o segundo, do convento, para suas devotas e para ajudar a outro tanto, quando a um pobre escravo o amor levava a fazer isso” (LAZARILHO, 2012, p.33). Ora, se até os representantes de Deus pecam, e o fazem por motivos menos nobres que a necessidade e contra quem pouco tem, como condenar aquele que rouba dos patrões um quinhão para sobreviver e aplacar o sofrimento dos seus? Se todos roubam, não faria sentido ser honesto, ainda mais a pretexto de um sentimento tão nobre e honroso quanto o amor.

Relacionada à questão dos bons, está a virtude. Se ela é o resultado de um bom hábito adquirido, então ninguém nasce virtuoso. “Aprenda a valer-se por si mesmo”, diz a mãe, e o conceito de virtude que Lázaro aprende não é o de fazer aquilo que seja bom para a sociedade, para o bem comum, mas sim que seja bom para si, para não morrer de fome e para ter algum conforto e segurança – para subir na vida e parecer um homem de bem. Os mestres vão reforçar a concepção ensinada na infância, encrudescendo a ideia da busca por benefício próprio em detrimento da moral, ou seja, a sobreposição do vício à virtude, ainda que dissimulada.

Se ninguém nasce com virtude, é bem verdade que tampouco nasce com vício. O pensamento utilitarista é o que constitui a formação pícara. Como afirma Edward Lopes (1993, p.198),

nenhum pícaro nasce pícaro; todos nascem puros e inocentes; seus mestres (quer dizer, a sociedade, na medida em que cada um de seus amos representa um diferente estrato dela) é que o transformam em pícaro: o pícaro é feito pelo fazer social de uma comunidade pícara que é, paradigmaticamente, a sociedade burguesa para a qual é ‘virtuoso’ aquele que ascende de uma classe baixa para uma alta e é ‘vil’ aquele que baixa de classe.

Resultado de um processo de formação, Lázaro não pode ser condenado por suas ações. Não podemos esquecer que a carta almeja fazer uma defesa. Na dedicatória está claro esse objetivo: “E como Vossa Mercê escreve pedindo que lhe escreva e relate o caso bem por extenso, pareceu-me melhor não tomá-lo pelo meio, mas começar bem do princípio, para que se tenha cabal notícia de minha pessoa” (LAZARILHO, 2012, p.25). O pleno conhecimento que será dado não é de Lázaro, mas sim do meio em que ele está inserido. O caso em si não é explicado por extenso. Em vez disso, a defesa é constituída por meio da acusação de uma sociedade pervertida, sociedade esta que sustenta o poder de quem vai julgar. Condenar Lázaro, após o desnudamento de relações tão imorais que são disfarçadas pela máscara da moralidade para assim manter as forças de poder, seria condenar a si mesmo e ao sistema que confere a Vossa Mercê sua importância – o que não seria nada interessante para o responsável pelo julgamento.

5 ERASMO E MAQUIAVEL: O VIRTUOSO INDIVIDUALISMO NA FORTUNA DO PÍCARO – UMA SOCIEDADE LOUCA

Se a picardia é resultado de um ensinamento, podemos dizer que a consciência de um homem não nasce com ele: se constitui ao decorrer da vida. É necessário haver o ensinamento para que alguém possa construir sua individualidade, perceber “itself as itself”, como diria, muito depois da época de *Lazarillo*, o filósofo John Locke:

as ideias não são inatas, mas, necessariamente, houve um momento em que começaram a existir, isto é, a mente deve ter uma fonte de onde emanam as ideias. A mente adquire ideias a partir da experiência e dela provém todo o material do conhecimento. Em Locke, por conseguinte, a mente é vazia de todos os caracteres, é uma folha de papel em branco sem quaisquer ideias inatas. (NODARI, 1999, p.27).

Ou seja, os saberes embasados na experiência são de fundamental importância no processo de transformação que o homem vive. Já foi mencionado que o pícaro não nasce pícaro, assim como não nasce nem virtuoso nem com vícios. O individualismo, portanto, também lhe foi ensinado. Com o advento do modo de produção capitalista, a possibilidade de romper com um padrão de sociedade rigidamente estamental fomenta ainda mais a individualidade. As relações agora não só serviam para manter a divisão entre dominador e dominado, mas também tornam-se degraus na escada da ascensão.

Nicolau Maquiavel (2013, p.26), em *O Príncipe*, também fala que “os homens avançam quase sempre por caminhos traçados por outros homens e que dirigem seus atos com base na imitação”. Assim, o pícaro aprende com seus mestres. É bem verdade que a fortuna de Lázaro lhe impõe uma série de dificuldades, mas não podemos atribuir sua degradação apenas à sorte. Ao falar dos homens virtuosos, Maquiavel diz que é necessário uma ocasião, sem a qual “suas virtudes espirituais ter-se-iam perdido, e, sem essas virtudes, a ocasião haveria sido vã” (MAQUIAVEL, 2013, p.27). Ora, os mestres do pícaro ensinam a inversão de valores praticada pela sociedade, sua habilidade é a astúcia. Portanto, as ações de Lázaro estão de acordo com o que é considerado correto e desejável nas situações apresentadas. A virtude de Lázaro não poderia ser diferente da que é, assim como as circunstâncias não poderiam ser outras: o sistema é degradante.

Maquiavel (2013, p.12) relata que “Os homens devem se amimados ou liquidados, pois que se vingam das pequenas afrontas e das graves não podem fazê-lo. Em razão disso, o agravo que se faz a um homem nunca deve deixar margem a vinganças”. Sem haver como adular o cego, Lázaro rompe relações com o amo de forma bastante cruel. Se o menino foi

castigado das pequenas pilhérias como o caso do jarro de vinho e da linguiça, não pode o velho vingar-se de sua afronta mais grave.

Lázaro é um astuto príncipe que constrói, ao longo de sua trajetória, seu próprio principado. Faz-se senhor de sua sorte: sendo-lhe a fortuna cruel desde a infância, usa a sua virtude – habilidade constituída a partir da imitação do caráter dos mestres – para chegar ao poder de dominar não um povo, mas pelo menos sua própria vida. De maneira prática, está disposto a tudo para sair de sua marginalidade e alcançar o bom porto. Para isso, não hesita em envolver-se em situações imorais, em submeter-se a jogos de interesse e de aproximar-se dos homens bons. Sua história é uma empreitada individualista e fria. Apesar de conhecer os abusos que os marginalizados como ele sofrem, o pícaro não quer mudar o sistema, mas sim integrar-se a ele e reforçá-lo. Não é a toa que o ofício de Lázaro é o de declarar os delitos dos condenados da justiça. Ora, chega a ser irônico um criminoso apontar os feitos de outro. No entanto, essa imoralidade não importa desde que Lázaro esteja no poder – ainda que seja apenas o de apontar nos outros o que ele mesmo tem de baixo.

Outro ponto interessante que revela os valores da época é quando Maquiavel fala de como o príncipe deve honrar sua palavra e de quais qualidades deve ter:

A um príncipe, portanto, não é necessário que de fato possua todas as sobreditas qualidades; é necessário, porém, e muito, que ele pareça possuí-las. Antes, ousou dizer que, possuindo-as e praticando-as sempre, elas redundam em prejuízo para si, ao passo que, simplesmente dando a impressão de possuí-las, as mesmas mostram toda a sua utilidade. Da mesma forma, tu, conquanto aparentes ser o que és – piedoso, fiel, humano, íntegro e religioso -, deves estar preparado e apto para, em caso de necessidade, demudar-te no teu contrário. E há que compreender que um príncipe, e máxime um novo príncipe, não poderá observar todas aquelas condições pelas quais os homens são tidos por bons, porquanto frequentemente, para conservar-se no poder, terá de agir contra a sua palavra e contra os preceitos da caridade, contra os da humanidade e contra os da religião. Por isso, será preciso que ele possua uma natural disposição para transmutar-se segundo o exijam os cambiantes ventos da fortuna e das circunstâncias. (MAQUIAVEL, 2013, p.87)

O modelo a ser seguido é o da dissimulação e hipocrisia. Mais vale parecer ser virtuoso que ser, de fato, um homem honrado. A aparência traz mais benefícios que a essência que, se for muito pura, pode até ser prejudicial. Além disso, o caráter deve ser volúvel e é necessário estar sempre apto a mudar de postura de acordo com o que mais convém aos interesses do momento. O homem não precisa ser bom, mas deve parecer bom.

Aliás, “se os homens fossem bons, não seria esse preceito” (MAQUIAVEL, 2013, p.86). Talvez os homens sejam todos loucos.

Em uma obra que dá voz à Loucura – ou Moria, para os gregos -, Erasmo também critica os vícios da sociedade contemporânea de *Lazarillo*. Filha de Pluto e de Neotetes, divindades da riqueza e da juventude, nascida nas ilhas Afortunadas (solo virgem de trabalho) e amamentada pela Embriaguez e pela Ignorância, a Loucura alega ser a responsável por espalhar a alegria entre os homens. Para isso, governa o mundo por meio de seus seguidores. A teoria de Erasmo se assemelha muito ao que podemos ver no primeiro romance picaresco.

O **Amor-próprio** dá o ar de arrogância ao anti-herói, incapaz de pensar no bem comum. Ele fomenta o individualismo e ensina a tirar o maior proveito das situações para si. É **Como**, os prazeres da mesa, que alivia o sofrimento e atrai o menino que quase morreu de fome. A **Adulação** mantém os jogos de interesses da sociedade, que prefere o parecer em lugar do ser, dilacerando a essência desde que a aparência seja virtuosa, estimulando a enganação, louvando o comportamento dissimulado e acabando por ser complacente com o imoral em nome de manter uma falsa honra. O **Esquecimento** adormece a lembrança dos vícios e faz Lázaro fechar os olhos para a imoralidade que corrompe sua casa. A **Preguiça** renega o trabalho, de modo que Lázaro não quer nem suar entregando água pela cidade com o burro do capelão nem correr riscos lutando pela justiça junto a um oficial. A Casa Real oferece possibilidades de relações que garantem ganho mais seguro e fácil. A **Volúpia** motiva situações de rebaixamento moral, como as do Arcipreste com a esposa de Lázaro. O impulso sexual escuso degrada não só o homem da Igreja como também o marido traído e a mulher indigna. A **Demência** faz o homem fechar os olhos para os próprios vícios e o nosso pícaro acaba tão cego quanto seu primeiro amo, pois acredita ter chego ao bom porto sem perceber que isso havia custado sua queda a uma condição ainda mais baixa que a inicial, mas seu descenso moral não é percebido como desonra. As **Delícias** seduzem o homem que está embaixo e o motivam a subir socialmente. Para ter acesso a elas, Lázaro aceita casar-se com a criada e tolera seu adultério, pois essa relação lhe garante mil graças.

A Loucura condena a prudência e a sabedoria dos sábios, mas exulta a verdadeira prudência, que só pode ser conhecida pelo louco, pois é ele que é “exposto constantemente a todos os caprichos da fortuna, aprende em meio aos revezes. (...) Homero, por mais cego que fosse, percebeu isso muito bem quando disse: O louco aprende a ser sábio à sua própria custa” (ERASMO, 2012, p.40). Lázaro, bom aprendiz, suplanta seus próprios mestres e consegue integrar-se a uma sociedade que, até então, lhe marginalizava e espezinhava. São as adversidades de sua trajetória que lhe ensinam não a prudência sensata, mas a prudência

interesseira, ardilosa e manipuladora. Afinal, “é tão imprudente ter uma prudência perniciosa quanto é insano ter uma sabedoria deslocada” (ERASMO, 2012, p.42).

Analisando a situação a que Lázaro se submete, jurando sobre a honra de sua mulher mesmo sabendo que ela é falsa, podemos encontrar defesa sob a égide da Loucura.

Um homem que se congratula por ter uma mulher mais casta que Penélope, e que vive nesse doce engano enquanto a dama recebe um grande número de amantes, não passará jamais por louco, porque se trata de uma coisa comum e que acontece, por assim dizer, a todos os maridos. (ERASMO, 2012, p.57)

E sobre ser enganado, pior seria não sê-lo, às vistas da Loucura, haja vista que a situação de jogos de interesses é “bastante malvista, mas somente entre as pessoas que dão mais atenção ao nome que à coisa” (ERASMO, 2012, p.66). Sendo a aparência a verdadeira essência da sociedade em que Lázaro teve seu caráter moldado, ele sabe que não podemos “querer ser mais sábios do que nossa natureza o permite. É preciso ou suportar com boa vontade as loucuras da multidão, ou deixar-se levar com ela pela torrente dos erros” (ERASMO, 2012, p.42). Lázaro é tão falso e dissimulado quanto qualquer homem de bem, está integrado a um sistema social putrefato, mas mesmo assim tem o maior orgulho de si, porque “a vergonha, a infâmia, a desonra, as injúrias só prejudicam os que as admitem. Um mal não é um mal para quem não o sente. Todo o povo te vaia; que te importa, se tu mesmo te aplaudes? Ora, é somente a Loucura que faz aplaudir-se a si mesmo” (ERASMO, 2012, p.47).

6 CONCLUSÃO

O romance apresenta uma estrutura muito clara, em que a viagem é essencial para encontrar os elementos que formarão o caráter do pícaro. Há uma sequência didática que leva ao aprendizado da astúcia, tão necessária à sobrevivência e à ascensão do pícaro. A organização da obra legitima o comportamento individualista e a degradação moral de Lázaro e, ao mesmo tempo, revela a sociedade pela qual ele peregrina.

A civilização em que Lázaro vive é a da bestialização do homem. O ânimo que move sua vida é a fome e “que virtude, que poder já reuniu, no recinto de uma cidade, homens naturalmente rudes, indômitos e selvagens? Quem já pôde humanizar esses ferozes animais? A adulação.” (ERASMO, 1979, p. 38). A única virtude que interessa aos mecanismos sociais é a adulação, a falsidade. Ela é responsável por manter as relações de aparência, pois elas são legitimadas com a obtenção de vantagens. O próprio Erasmo (1979, p.29) ironiza:

Coragem, vamos! Dissimular, enganar, fingir, fechar os olhos aos defeitos dos amigos, ao ponto de apreciar e admirar grandes vícios como grandes virtudes, não será, acaso, avizinhar-se da loucura? (...) Bradem, pois, quanto quiserem, ser uma grande loucura, e acrescentarei que essa loucura é a única que cria e conserva a amizade.

A relação vício x virtude está presente em todo *Lazarilho de Tormes*. Ser e parecer aparecem como constante aprendizado e termina na degradação total disfarçada de “prosperidade e auge de toda boa fortuna” (LAZARILHO, 2012, p.183). Antes do bom porto, no entanto, o gérmen da prudência. O pensamento erasmista diz que existem

duas coisas que impedem que o homem saiba de fato o que deve fazer: uma é a vergonha, que cega a inteligência e arrefece a coragem; a outra é o medo, que, indicando o perigo, obriga a preferir a inércia à ação. Ora, é próprio da Loucura dirimir todas essas dificuldades. Raros são os que sabem que, para fazer fortuna, é preciso não ter vergonha de nada. (ERASMO, 1979, p. 41).

A vergonha, um dos mais eficientes reguladores sociais, acaba ignorada por Lázaro, que tolera as levandades de sua esposa em troca de uma posição – se não privilegiada – melhor, protegido por um dos homens bons de seu mundo. Ironicamente, a única vergonha que ele demonstra ter é de ter o baixo posto de pregoeiro em vez de ter um cargo mais elevado – faz um rodeio para revelar sua ocupação. Ele consegue sua boa fortuna e finalmente parece um homem de bem, ainda que a preço de sua desonra. Ele é um herói para si mesmo, ante o

individualismo do sujeito moderno, mas um anti-herói para a sociedade, pois não busca nada além de seu próprio sucesso.

Enfim, Lázaro encerra sua trajetória no rebaixamento moral. “Mas isso é ser homem, meus amigos! Pois, em verdade, não vejo porque chamaríeis infeliz um ser que vive de acordo com seu nascimento, sua educação e sua natureza” (ERASMO, 2012, p.47). Além disso, ao narrar fatos antigos é possível “gozar dos benefícios do tempo, preferindo tirar proveito de suas próprias virtude e prudência: saibam que o tempo tudo arrasta consigo e que, assim, ele pode trazer o bem como mal, o mal como bem” (MAQUIAVEL, 2013, p.15).

A carta em tom confessional de Lázaro denuncia a sociedade em que vive, bem como sua própria desonra. Ao ser solicitado a explicar o “caso” a Vossa Mercê, Lázaro prefere narrar toda sua história. Dessa forma,

os meios serão sempre julgados honrosos e por todos elogiados, e isto porque apenas às suas aparências e às suas consequências ater-se-á o vulgo, este vulgo cuja presença é predominante no mundo. De resto, pouco contam as minorias quando as maiorias têm onde se apoiar. (MAQUIAVEL, 2013, p.88)

O pícaro tem a garantia do perdão. Primeiro, porque ele é fruto da sociedade que o condena; segundo, porque os fins justificam os meios. O que esperar de uma civilização que se mantém pela adulação, que vive de aparência e de exploração? Além disso, as relações de interesse massacram quem não se subverte às suas forças. Se aqueles que ocupam posição de poder, se aqueles que, de fato, podem contestar a ordem vigente na sociedade não o fazem, o que resta a um pobre homem que apenas joga a regra do jogo? O máximo que ele pode é denunciar a realidade que vive – ainda que sem consciência e não sem ironia. O pícaro só existe porque há uma sociedade que o faz existir – e ri dele, ao mesmo tempo em que o silencia lhe dando uma falsa voz, como se o seu discurso não fosse – não pudesse ser – legítimo (não são os pícaros que escrevem a história oficial). Por mais que Lázaro grite a podridão de seu meio, ele aceita calado a humilhação que lhe é imposta em troca dos benefícios do bom porto.

Felizmente o Imperador entra vitorioso na cidade, as Cortes são reunidas e o que importa são as festas e o júbilo. Enfim, é a virtuosa civilização.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARTHES, Roland. **O rumor da língua**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1998.

ERASMO, Desidério. **A civilidade pueril**. Lisboa: Editorial Estampa, 1978.

_____. **Elogio da Loucura**. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

_____. _____. Porto Alegre: L&PM, 2012.

GONZÁLEZ, Mario. **O romance picaresco**. São Paulo: Editora Ática, 1988.

_____. **Narrador, Leitores e Romance no *Lazarillo de Tormes***. In: ANPOLL. **Anais do V Encontro Nacional da ANPOLL**. Porto Alegre: ANPOLL, 1991.

_____. **A saga do anti-herói: estudo sobre o romance do picaresco espanhol e algumas de suas correspondências na literatura brasileira**. São Paulo: Nova Alexandria, 1994.

_____. **Introdução**. In: LAZARILHO de Tormes. Ed. de Medina del Campo, 1554; organização, edição do texto em espanhol, notas e estudo crítico de Mario M. González; tradução de Heloísa Costa Milton e Antonio R. Esteves. São Paulo: Editora 34, 2012.

_____. **Estudo crítico**. In: LAZARILHO de Tormes. Ed. de Medina del Campo, 1554; organização, edição do texto em espanhol, notas e estudo crítico de Mario M. González; tradução de Heloísa Costa Milton e Antonio R. Esteves. São Paulo: Editora 34, 2012.

KOTHE, Flávio. **O herói**. São Paulo: Ática, 1981.

LAZARILHO de Tormes. Tradução Pedro Cânciao da Silva. São Paulo: Página Aberta, 1992.

_____. Ed. de Medina del Campo, 1554; organização, edição do texto em espanhol, notas e estudo crítico de Mario M. González; tradução de Heloísa Costa Milton e Antonio R. Esteves. São Paulo: Editora 34, 2012.

LOPES, Edward. **A palavra e os dias: ensaios sobre a teoria e a prática da literatura.** São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista; Campinas: Editora da Universidade de Campinas, 1993.

MAQUIAVEL. **O Príncipe.** Porto Alegre: L&PM, 2013.

NODARI, Paulo César. **A emergência do individualismo moderno no pensamento de John Locke.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.

RICAPITO, Joseph. **La vida de Lazarillo de Tormes y sus fortunas y adversidades.** Madrid: Ediciones Cátedra, 1983.